

POÉTICAS DA COR/ERÓTICAS DE RESISTÊNCIA: O CORPO NA POESIA ERÓTICA DE ESCRITORAS NEGRAS BRASILEIRAS

Luciana Borges

Doutora em Letras – Estudos Literários (UFG)
Universidade Federal de Catalão (UFCAT), Catalão, Goiás, Brasil

RESUMO: O presente artigo objetiva analisar processos poéticos de representação discursiva do corpo e do desejo observados na poesia erótica de escritoras negras. Considera-se que, na relação entre estética e política nos projetos literários analisados, deslocamentos sobre o corpo, o prazer sexual, a autonomia, a ancestralidade e outras nuances estão presentes na reconfiguração de um contexto marcado pela histórica desumanização e objetificação do corpo feminino negro. Ao convocar a poesia como estratégia de resistência pela via do erotismo, as poetisas estabelecem uma política de afetos em que gênero e identidade se interseccionam na voz lírica feminina e se expressam nas imagens corporais positivadas em ruptura com o racismo afetivo.

PALAVRAS-CHAVE: Autoras negras. Poesia erótica. Corpo.

ABSTRACT: This article aims at analyzing poetic processes of discursive representation of the body and desire observed in the erotic poetry of black female writers. It is considered that in the relation between aesthetics and politics in the literary projects that were analyzed, displacements on the body, sexual pleasure, autonomy, ancestry and other nuances are present in the reconfiguration of a context marked by the historical dehumanization and objectification of the female black body. By calling upon poetry as a strategy of resistance through eroticism, female poets establish an affection policy in which gender and identity intersect in the female lyrical voice and express themselves in the body images positivized in disruption with affective racism.

KEYWORDS: Black female writers. Erotic poetry. Body.

“para este país / eu traria / meu corpo”
(Lubi Prates, *Um corpo negro*, 2018, p. 27)

A PELE COMO DESTINO [OU] O CORPO NEGRO NA POLÍTICA DOS AFETOS

“O amor é uma tecnologia de guerra”¹. O verso de Tatiana Nascimento, que utilizo como disparador para a escrita das reflexões constantes nesse artigo, nos envia a uma dimensão inusitada dos sentidos desse afeto. Usualmente, o amor é colocado ao lado das serenidades, da paz, dos acalantos da tranquilidade e não da guerra, entendida semanticamente como seu

¹ Poema sem título, disponível no Portal Literafro, do Grupo de Interinstitucional de Pesquisa Afrodescendências na Literatura Brasileira, da Faculdade de Letras da UFMG: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/1193-tatiana-nascimento>. Acesso em: 02 jun. 2020.

oposto². Os sentidos acionados no verso supracitado, quando colocados no contexto de representação dos afetos entre pessoas negras, no entanto, direcionam para outra potencialidade desse sentimento na voz lírica de autores e autoras negras: ser uma tecnologia de resistência na guerra contra a desumanização de corpos cuja cor da pele é estabelecida como determinante de seu estar-no-mundo em uma sociedade na qual a racialização dos indivíduos produz hierarquias políticas, sociais e econômicas³.

Para as reflexões propostas nesse artigo, as quais se direcionam para a representação do corpo erótico na poesia de autoria feminina negro-brasileira⁴, a conexão entre corpo, palavra, uso da língua, inserção na sociedade letrada e no campo literário estão diretamente ligadas às questões da pertença identitária e da realocação desses corpos femininos atravessados desde sempre pelo olhar colonizador. A simples existência de uma poesia em que as especificidades da expressão de mulheres negras se faz dominante já denota um projeto literário em que o campo político da resistência às reduções de gênero, classe e raça serão deslocados para a reivindicação de um corpo-discurso que se descole das suas estereótipos mais constantes, questão à qual voltaremos *a posteriori*.

Processos poéticos não se estabelecem ao acaso: são parte de um intrincado jogo entre anteparos formais de linguagem, estratégias de representação e políticas de valor estético. As regras desse jogo estabelecem as chamadas obras canônicas e as obras de referência no campo literário, para ficar apenas em um exemplo desses processos. Tendo em vista esse aspecto, o presente texto se organiza de modo a não apenas localizar o corpo negro na economia simbólica que nos envolve como sociedade, mas pensar a posição das mulheres negras nos atravessamentos de gênero e raça, os quais resultam em vivências identitárias e afetivas expressas na poesia. Em seguida, abordamos coletâneas de poesia erótica e os recorrentes processos poéticos que balizam essa poesia nos termos de um corpo-linguagem que se expressa.

Há uma cartografia poética traçada, na qual se entrecruzam texto e corpo, transgressões

² O lema “Faça amor, não faça guerra”, adotado pelo movimento *hippie* nos Estados Unidos dos anos 1960-1970 à época da Guerra do Vietnã e, *a posteriori*, espalhado pelo mundo, é um indicativo dessa associação.

³ A discussão sobre os conceitos de *raça* e *racismo* é parte de um sistema complexo em que falar de raça, uma vez que essa noção já teria sido desconstruída com base nos estudos do genoma humano, apenas faz sentido em sociedades racializadas. De modo paradoxal, ainda que a ideia de raça deva ser refutada por ser responsável por um sistema de discriminação racial, desumanização, xenofobia e genocídios ao redor do globo em toda a história da humanidade, o seu uso é necessário para dismantlar as estruturas racistas que esta mesma noção estrutura.

⁴ O termo *negro-brasileiro/a* foi proposto por Cuti (2010) e tem sido adotado por estudiosos/as das intelectualidades e literariedades negras no Brasil em preferência a *afro-brasileiro* ou *afrodescendente*, uma vez que esse segundo termo indicaria suposto retorno às origens africanas, nem sempre verificável nessa literatura, ao mesmo tempo em que poderia distanciar a nossa literatura da discussão dos problemas mais pertinentes ao país.

e desejos de modo que o erotismo se apresenta, como nos estudos de Georges Bataille (2004), como uma experiência interior, capaz de tensionar as vivências subjetivas e corpóreas. Ao mesmo tempo, esse erotismo será contemplado na consciência de que os modos como as imagens eróticas se estabelecem na sociedade ocidental também se ressentem da mesma lógica da hegemonia branca e de base cultural europeia que constitui a heteromasculinidade, de modo que a poesia aqui analisada demarca ainda mais as tratativas de distanciamento com as representações negativas do corpo negro. Portanto, ao lado da vivência subjetiva e individual há também a vivência coletiva dos afetos e a apropriação desses afetos como negação da subalternidade corporal e existencial.

A seleção de alguns poemas dos livros *A calimba e a flauta* (Priscila Preta e Allan da Rosa, 2012), *Pretumel de chama e gozo* (organizada por Akins Kintê e Cuti, 2015), *Incorporos* (Nina Silva e Akins Kintê, 2011), *Além dos quartos* (Coletivo Louva Deusas, 2015) para leitura analítica se orienta pela presença de alguns *temas recorrentes* da lírica feminina erótica nas coletâneas. Também serão mencionadas a visibilização da poesia erótica em meio digital considerando perfis individuais de escritoras/poetas e de coletivos de leitura/escrita e discussão nas redes sociais. Sem o objetivo de esgotar esses motivos, temas e formas que se repetem nos textos, e sem igualmente pretender um estudo autoral em termos das individualidades estilísticas e temáticas, o que se pretende é igualmente dimensionar como o esforço coletivo de se publicar em conjunto faz parte de um mesmo projeto de visibilização do corpo negro como potência criativa e ato linguístico que se materializa no conjunto da sociedade.

O presente texto também se apresenta como um mapeamento inicial para futuras pesquisas, uma vez que os estudos autorais demandariam outro tipo de esforço analítico, considerando que, felizmente e finalmente, ao final do século XX e início desse século XXI vemos emergir uma quantidade significativa de novas escritoras⁵, especialmente algumas muito jovens e provenientes de contextos ditos periféricos. A efervescência de autoras indica a movimentação das estruturas de letramento escolar e literário tradicionais da sociedade brasileira nas últimas décadas, resultado das políticas públicas e ações afirmativas para a população negra, bem como da articulação dos diversos setores de movimentos sociais

⁵ Conferir, por exemplo, o inventário feito por Jessica Balbino e publicado no *Portal Margens*, o qual elenca mais de cem escritoras negras brasileiras e referencia suas principais obras a título de catálogo e de notícia da existência dessas escritoras (poetas, ficcionistas e ensaístas) e intelectuais no ambiente cultural e teórico do Brasil contemporâneo. Disponível em: <https://margens.com.br/2020/06/20/especial-listamos-mais-de-100-escritoras-pretas-brasileiras-para-voce-conhecer/>. Acesso em: 24 ago. 2020.

dedicados à análise da dinâmica racial e enfrentamento do racismo. Igualmente, o aumento do número de escritoras nos interpela para o esforço da produção crítica e reformulação canônica no momento presente.

O fato de termos um número crescente de escritoras, editoras, coletivos editoriais e autorais voltados para a produção negro-brasileira, também indica essa movimentação juntamente com as discussões relativas às demandas de desnaturalização do chamado racismo estrutural que confinou essa mesma população à subalternidade e à não-intelectualidade⁶. Resta saber o que a história da literatura brasileira dirá sobre as alterações que começam a ocorrer em seu cerne a partir da maior presença de corpos negros escrevendo e com eles a presença de novas demandas estéticas que forcem o resistente campo literário brasileiro a se reconfigurar, a despeito de sua forte homogeneidade em termos de autoria branca, masculina, de classe média e intelectualizada, como apontou a imprescindível pesquisa de Regina Dalcastagnè (2012).

Mulheres. Escrita. Erotismo. Corpo. Corpo negro: na tentativa de estabelecer alguns pontos de convergência que nos movem à escrita desse texto em torno das complexidades envolvidas na constituição da poesia erótica em seus atravessamentos com o corpo, ainda que se compreenda a impossibilidade de pensar em mulheres e, especialmente em mulheres negras como um conjunto homogêneo, considerando as discussões no âmbito do feminismo negro e das proposições da categoria *interseccionalidade* elaborada por Kimberlé Crenshaw (2020), para interpelar o feminismo branco sobre as especificidades da condição de mulheres negras no atravessamento entre gênero, raça e classe social.

ENTENDENDO A ESCRITA DO CORPO OU ESCREVER É UM ATO POLÍTICO

Se poesia é escrita, e poesia erótica inclui escrever sobre corpo, desejo, prazer e afetos em sentido amplo, é preciso pensar que, para além das questões estético-formais, a escrita da poesia erótica pressupõe a materialização de imagens corporais e afetivas, uma vez que a poesia

⁶ O estudo de Affonso Romano de Sant'Anna em *O canibalismo amoroso* (1987, p. 19-61), por exemplo, analisa os modos como os corpos de mulheres negras e das chamadas “mulatas” foi devorado na economia libidinal da colônia, em termos dos processos de *negrofilia*, *negrofagia* e *negrofobia* nos quais desejo de propriedade, de degustação sexual e de aniquilação pelo temor se mesclam nas imagens retóricas e poéticas de representação dessas mulheres. Problematizações da representação e apropriação sexualizada do corpo das mulheres negras para o consumo erótico também se encontram nos textos de Mariza Corrêa (2016) no qual argumenta-se que a preferência pela mulata indica a rejeição à negra preta, e de Djamila Ribeiro (2018) em que se mostra como a Mulata Globeleza atualiza a figuração colonial desse estereótipo.

também é uma máquina de criar imagens. A materialização do desejo e do corpo negro na poesia de escritoras mulheres, por sua especificidade, reenvia a uma questão anterior, que é a imagem materializada desse corpo em nossa cultura colonizada. Por dever de ofício, precisamos nos interpelar sobre uma *política dos afetos* ou sobre os modos como as engrenagens do racismo agem sobre os corpos na sua potencialidade erótico-amorosa é parte de um conjunto de estruturas mentais que extrapola a dimensão corporal e afetiva. Diz respeito às políticas discursivas que regem o imaginário coletivo e as dimensões simbólicas que se expressam em peças publicitárias, na arte, na literatura, nos produtos culturais de maneira geral. Sistematizações analíticas sobre essa dimensão ampla podem ser encontradas, por exemplo, nas reflexões instigantes de Grada Kilomba no livro *Memórias da plantação* (2019), nas quais considera que o racismo é estrutural e estruturante da sociedade, organiza e move as estruturas de modo a estabelecer exclusões não apenas naturalizadas, mas legitimadas pelo sistema. De forma análoga, Sílvio de Almeida, em *Racismo estrutural* (2019), afirma que essa percepção implica compreender que, ao contrário do senso comum, racismo não é um fenômeno patológico, uma anormalidade ou uma doença: “O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea” (ALMEIDA, 2019, p. 15).

Nas dinâmicas de passagem do tempo histórico que resultam no fim da escravização e tráfico de pessoas negras como sistema econômico nos domínios do Atlântico, a posterior aprendizagem da habilidade de escrever toma uma dimensão que extrapola os domínios da técnica (*techné*). A existência de escritores e escritoras negras, inimaginável em certos períodos da história do Brasil colonial, tensiona a relação entre *ato de escrita* (habilidade intelectual e técnica) e a *escrita como ato* (tomada de um lugar de fala e expressão). Como bem pontua Grada Kilomba ao falar de sua experiência com a escrita: “O poema ilustra o ato da escrita como um ato de tornar-se e, enquanto escrevo, eu me torno a narradora e a escritora da minha própria realidade, a autora e a autoridade na minha própria história” (KILOMBA, 2019, p. 27-28).

A mudança de posição de *ser escrita* (passivo) para *ser aquela que escreve* (ativo) marca definitivamente os redimensionamentos do sujeito negro na sociedade brancocentrada e tem sido, ao longo de décadas, uma reivindicação constante, em termos da visibilização da voz de pessoas negras, sequestrada pelos processos de exclusão racial. O corpo negro tem locação e função específica nesta estrutura social. É um corpo-forma, não um corpo-substância. O corpo-

escravo é um corpo sem voz e sem escrita, é um corpo-sem-corpo, portanto, sem história e sem memória. É também um corpo sem direito à beleza e sem direito ao desejo, posto que submetido aos desejos e desmandos de outrem. O corpo que se escreve resgata sua dimensão humana, sua pertença a uma coletividade e a sua pertença a si mesmo. Reverter tais apagamentos, que na verdade são dilaceramentos violentos inscritos no corpo, negado às suas potencialidades criativas pois subjugado ao trabalho, à tortura e à expropriação de si, passa também por recuperar sua dimensão de corpo desejante. Se escrever é um ato político, escrever e inscrever o erotismo nesses corpos recuperados se revestirá da mesma potencialidade.

RESSIGNIFICAÇÕES DO CORPO NEGRO NA POESIA ERÓTICA [OU] RETÓRICAS DO PROCESSO POÉTICO

Em seu estudo sobre a poesia erótica publicada nos *Cadernos negros*, Cuti⁷ (2000) observa que nessa publicação pioneira, criada em 1978 com o intuito dar visibilidade à produção literária e intelectual de autores e autoras negros/as e demarcar a presença dessa produção cena cultural brasileira, a escrita erótica não era prioridade entre os textos publicados, uma vez que as discussões se voltavam mais à resistência ao racismo e militância política de modo geral. Segundo o autor, isso se devia a uma fragmentação em torno das noções de corpo e alma, de modo que o corpo ficaria relegado a um segundo plano, conseqüentemente também afetado por questões da moralidade⁸. Os movimentos revolucionários, por outro lado, acabam se voltando mais para as questões de raça e classe, desprezando as questões mais subjetivas ou afetivas, de modo que “[...] o Movimento Negro segue o mesmo diapasão, desprezando a sexualidade enquanto tema, não a enxergando em sua análise do racismo, a não ser como denúncia à ‘exploração sexual da mulher negra’ [...]” (CUTI, 2000, n.p).

Miriam Alves, em uma entrevista concedida à *Revista Geni* sobre sua trajetória de escritora, também aponta essa dificuldade inicial de inserir não apenas a escrita erótica, mas a própria escrita literária na militância:

Primeiro que literatura, para o movimento negro da época, era uma causa menor. “Enquanto a gente tá lutando pela causa, vocês tão fazendo poesia.” Então a gente já

⁷ O pesquisador e poeta Luiz Silva assina suas produções acadêmicas e literárias como Cuti.

⁸ Esta fragmentação é própria da cultura ocidental cristã e tem raízes filosóficas e religiosas como explano muito bem Elisabeth Grosz (2000), no artigo *Corpos reconfigurados*, no qual refaz o caminho das compreensões de corpo ao longo da história e como essas noções afetam as mulheres e noção da diferença sexual em geral.

era menor na história. E, dentro disso, o erotismo. Tanto que, no nosso começo, nossas poesias eram poesias de combate. Não é que a gente não faz poesias eróticas e de amor, é que a gente não publica. (ALVES *apud* MENEGATTI, 2015, n.p).

A autora reafirma também o custo de fazer a defesa da literatura que expressasse temas mais relacionados às mulheres, considerados menos relevantes, e temas relacionados ao homoerotismo, de modo que ela criou uma heterônima Zula Gibi, que assinava seus textos eróticos/homoeróticos nos *Cadernos Negros*. Menegatti (2015, n.p) afirma que “[...] por essas e outras, a autora sabe que a literatura, assim como a sociedade, não é um lugar pacífico [...]”. E sobre as agressões sofridas por publicar textos de temática homoerótica, Miriam Alves (2015, n.p) faz uma importante reflexão sobre escrita e recepção: “Leitura se dá assim: o que eu coloquei falando com o que você tem aí dentro. Pode sair um tapa na minha cara. Ou, como já aconteceu, beijos à força.” No caso da escrita erótica de mulheres, a recepção envolve todas as expectativas de gênero e outras questões relativas à sexualidade feminina que já mencionamos anteriormente.

O resultado dessa pouca ênfase nos aspectos da vida erótica ou amorosa é que poemas e contos de temática sexual terão entrada menos frequente e mais tardia tanto na produção publicada nos *Cadernos*, quanto no conjunto da obra de escritoras negras de maneira geral. Para além das questões políticas envolvidas, podemos também pensar que essa produção tardia se relaciona às questões que vimos discutindo nesse artigo, que dizem respeito aos modos de inserção da população negra na comunidade letrada e aos modos de representação do corpo, da sexualidade e a afetividade de homens e mulheres negras que historicamente solaparam a sua humanidade e o direito aos afetos recíprocos⁹.

Com pouca ou quase nenhuma chance de expressar a si mesmos, negros e negras foram sempre falados pelo outro, banco, masculino. Lélia Gonzalez, em uma palestra antológica na reunião da Anpocs¹⁰ em 1980, sobre a resistência necessária a essa apropriação estereotipada da imagem dos sujeitos negros, aponta para essa dificuldade de estudiosos brancos perceberem as possibilidades afetivas no contexto colonial da escravidão, uma vez que seriam incapazes de perceber as pessoas negras como seres humanos, e, portanto, passíveis de amor. Analisando um

⁹ Grada Kilomba (2019, p. 79) mapeia os principais mecanismos de negação da humanidade aos indivíduos negros na colonialidade: *Infantilização*, que determinaria a dependência do senhor; *Primitivização*, a associação à natureza; *Incivilização*: a associação à violência nata; *Animalização*: similaridade aos animais; *Erotização*: sujeição ao apetite sexual incontrolável e violento. Tais processos, como *formulae mentis*, afetariam toda a percepção dos negros a partir da diáspora africana, constituindo as bases do racismo.

¹⁰ Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais.

excerto de Caio Prado Jr., no qual ele afirma que o “amor de senzala” não foi capaz de realizar o milagre do amor humano e se resumiu ao nível primário do contato sexual, Lélia Gonzalez é contundente ao afirmar que “[...] nessa perspectiva, ele pouco teria a dizer sobre essa mulher negra, seu homem, seus irmãos e seus filhos [...]. Exatamente porque ele lhes nega o estatuto de sujeito humano. Trata-os sempre como objeto. Até mesmo como objeto de saber [...]” (GONZALEZ, 1984, p. 232).

O corpo negro é, portanto, um corpo não inteligível como digno de afetos, de modo que uma poesia erótica que resgate essa dimensão afetiva será, de todo modo, uma ruptura com esse sistema de crenças e com as estruturas mentais que as suportam: retornamos, portanto, ao verso de Tatiana Nascimento que abre esse artigo: na guerra antirracista, na linguagem, na poesia, na vida, afeto e vivência corporal são tecnologias de resistência. Desse aspecto de reconfiguração do corpo, por meio da retórica das vozes poéticas de mulheres negras é que trataremos a seguir, com o levantamento dos processos estruturais e *topoi* recorrentes nos poemas que constituem o *corpus* de leitura.

CORPO/CORPUS [OU] “EU SOU PORQUE SOMOS”

Explicitadas as dificuldades em que localizemos uma linhagem de escritoras negras que tenham se dedicado à escrita do erótico na poesia, temos que os textos que podem ser lidos nessa perspectiva serão, especialmente recentes. Iniciando-se com a inserção já mencionada nos *Cadernos Negros*, devemos observar que a recorrência de publicações coletivas é algo notável e não casual nesse contexto. No inventário que fizemos, encontramos algumas coletâneas de poemas, no entanto, temos consciência de que podem existir outras, dado ao modo com as publicações são feitas em editoras independentes ou “publicações de autor” ou de coletivos, que usualmente não encontram divulgação e circulação nos meios hegemônicos. Um traço que une essas publicações é o propósito de fortalecimento coletivo e a demonstração de que é possível se falar em “poesia erótica de autoria negra” como um nicho de produção.

Pretumel de chama e gozo: antologia de poesia negro-brasileira, organizada por Cuti e Akins Kintê (2015) reúne quarenta autores e autoras (17 mulheres)¹¹ e já demarca no título,

¹¹ Autoras: Priscila Preta, Lande Onawale, Débora Garcia, Elizandra Souza, Zannah Lopes, Claudia Walleska, Tiely Queen, Raquel Almeida, Mel Adún, Sueide Kintê, Cristiane Sobral, Zula Gibi (Miriam Alves), Livia Natália, Iara Aya, Jenyffer Nascimento.

com a elisão das palavras *preto* e *mel* o ponto de vista marcado pela cor e pela experiência erótica negra. Na apresentação, os organizadores afirmam que a descendência africana “garroteada pelo silêncio” tem muito a dizer sobre seus afetos: “[...] no campo da sexualidade amorosa, seus poetas trazem o testemunho da liberdade, da opção pelo prazer, inclusive como superação dos séculos de mazelas provocados pela escravização e pelo racismo (KINTÊ; CUTI, 2015, p. 19). Indo da sensualidade do flerte até o ato sexual explicitado, os poemas reforçam a necessidade de humanização das relações afetivas afrocentradas/negrocentradas. Na conversa encenada ao final do livro, à feição de posfácio, os organizadores tensionam questões sobre masculinidade negra, violência sexual colonial, falta de direito ao prazer, falta de representatividade na literatura e na literatura erótica, ausência de linhagem de autores/as de textos eróticos. Akins Kintê afirma que, a partir da escrita erótica “[...] o prazer de falar do prazer, que foi arrancado da gente, nós estamos retomando e essa retomada é uma busca pela liberdade [...]” (KINTÊ; CUTI, 2015, p. 142) e associa essa escrita a um chamado à percepção, de pessoas negras e principalmente brancas para o fato de que “[...] tem um ser humano dentro desse corpo [negro] [...]” (KINTÊ; CUTI, 2015, p. 145), demonstrando consciência de que as questões da produção literária passam efetivamente pela alteração da imagética simbólica que envolve o corpo e sua compleição na economia dos afetos.

Em *A calimba e a flauta: versos úmidos e tesos* (2012), Priscila Preta e Allan da Rosa constroem um projeto no qual poemas de voz narrativa feminina e masculina se alternam e dialogam no jogo erótico. Com metáforas musicais, sonoras e de dança, os corpos serpenteiam na linguagem poética a partir da erotização dos instrumentos: a flauta, fálica; a calimba, vulvar. Esse conjunto de textos expressa, por meio do aproveitamento de componentes específicos, identificadores do corpo negro de modo fenotípico, a recuperação da possibilidade de um casal preto se afirmar em sexo, amor e arte, harmonia de corpos e de vida a partir de uma possível continuidade em termos bataillianos. Conversa melodiosa, dança corporal em que os amantes falam a mesma língua do desejo pleno e em que instrumentos complementares se afinam.

Nos poemas de *Incorporos: nuances de libido* (2011), é a vez de Nina Silva e Akins Kintê estabelecerem o diálogo de vozes expresso no desejo dos corpos e no desejo de uma linguagem do gozo. O homem e a mulher que enunciam a interação erótica são retratados em paridade e parceria, com o objetivo de exercitar não apenas o prazer, mas também o cuidado de si por meio do desejo compartilhado e materializado no corpo que goza. Para Jessica Balbino (2012) trata-se de “[...] corpos negros, que se entrelaçam em mãos brancas que seguram a obra.

Que cadenciam o falo, que envolvem o leitor num sentimento de amor. O lixo exala vida [...]” (BALBINO, 2012, n.p). Em referência à fala de Lélia Gonzalez (1984) na qual ela afirma que “o lixo vai falar”, Jéssica reafirma essa potência transformadora que o erotismo pode assumir na subjetividade negra. De modo análogo, Miriam Alves ressalta que “[...] o exercício erótico da palavra quando o escritor/escritora for negro/negra se transforma no grande desafio de se desvencilhar da carga simbólica, que social e historicamente o corpo de um homem negro e de uma mulher negra carrega [...]”¹².

Além dos Quartos: Coletânea Erótica Feminista Negra (2015) é organizada pelo Coletivo *Louva Deusas*, com edição de Priscila Romio e projeto gráfico de Jackeline Romio. Apresenta expressão erótica de variadas nuances, incluindo a homoafetividade entre mulheres. Ao reunir poemas e contos apenas de mulheres¹³, que informam sedução e jogo entre corpos negros, o conjunto de textos evidencia o esforço em reafirmar a potencialidade da voz lírica feminina e a possibilidade de sua expressão, ainda que possa ser observado certo desnível entre as produções, em termos de densidade estética e temática na construção dos poemas .

Além da publicação reunida, impressa ou em meio digital¹⁴, são rastreáveis também publicações individuais na internet por meio de páginas individuais ou perfis de redes sociais. É o caso por exemplo das publicações poéticas escritas e/ou performadas de *Dandara Suburbana* (Carolina Rocha Silva), do perfil *Yoni das Pretas* (Caroline Amanda Borges) dedicado à discussão sobre temas ligados à sexualidade das mulheres negras¹⁵ e os perfis das poetas Mel Duarte, Tatiana Nascimento, Carmem Faustino¹⁶, dentre outras que, tendo também produção erótica, performam poemas diversos por meio de vocalizações e produções de vídeo. Lendo criticamente esses conjuntos de poemas, em sua grande parte recentíssimos, é que

¹² Depoimento ao *Portal Pretas Candangas*, 2014.

¹³ Escritoras: Tula Pilar Ferreira, Meryellen Rangel, Brenda Ramos, Formiga, Elenice Andrade, Carla Mariano, Raquel Almeida, Aline Soares Negríndia, Lu Cuba, Analise da Silva, Tati Costa, Bianca Gonçalves, Mel Duarte, Celinha Dias, Thaily Estacio, Vivian Kosta, Carmen Faustino, Samya Carvalho, Ana Terra Araújo, Paola Ferreira, Karla Ramalho, Bárbara Nascimento, Laura Mendes, Lílian Almeida, Viviane Angélica, Suely Bispo, Belize Pombal, Priscila Romio, Carol Pabiq, Malu Viana, Pabline Santana, Lucia Udemezue, Monica Feitosa Santana, Joice Aziza, Anita Benifê, Nina Silva, Valquiria Lima, Quédima Ferreira, Barbara Falcão, Vanesa Beco, Ornella Rodrigues e Claudia Canto. Desenhistas: Fatma Abdalla, Renata Felinto, Leila Negalaize Lopes, Hayanna Saldanha, Olyvia Bynum, Isadora Simões, Adriele Santos, Nanouch Lami, Jeniffer Dias, Aline Magnos e Jackeline Romio.

¹⁴ Há outras indicações no texto *Literatura negra erótica*, de Láis Porto (Blog Uma leitora negra), no entanto, não foi possível localizar os textos para a elaboração desse artigo.

¹⁵ Cf. perfis: <https://www.instagram.com/adandarasuburbana/>; <https://www.instagram.com/yonidaspretas/>; https://www.instagram.com/carmem_faustino/. Acessos em: 24 ago. 2020.

¹⁶ Esta autora recentemente publicou o livro *Estado de libido ou poesias de prazer e cura* (2020) que reúne sua produção erótica de forma impressa.

logramos encontrar os *topoi* relevantes na composição da cena erótica nos textos, os quais passamos a elencar a seguir a partir de recortes poemáticos representativos das categorias de leitura do corpo que propomos como possibilidade teórico-analíticas para a poesia erótica de autoria feminina negro-brasileira.

POSITIVAÇÃO DO CORPO NEGRO

A relação corpo-discurso frequentemente se estabelece a partir do momento em que o corpo é retirado de sua dimensão exclusivamente biológica e tratado no campo sócio-político e cultural. Dentre as/os várias/os autoras/es que têm refletido sobre o corpo, Elizabeth Grosz nos chama a atenção para o fato de que, para o desvínculo às estruturas mentais do dualismo psicofísico cartesiano é preciso considerar uma *subjetividade corporificada e corporalidade psíquica* (GROSZ, 2000, p. 80). O corpo, em sua materialidade, é o suporte orgânico do indivíduo, ao mesmo tempo em que é onde habita sua significação existencial, elaborada sempre via linguagem. O corpo é materialidade discursiva da qual não é possível que o sujeito se desvincule na elaboração de si. Nesse sentido, esse primeiro mecanismo retórico perpassará todos os outros aspectos, uma vez que ao tratar o corpo negro de modo positivo, haverá um “efeito-cascata” ou desdobramentos em outras instâncias discursivas e simbólicas, posto que a potencialidade do erótico tem como ponto de disparo o corpo: corpo e identidade, corpo e discurso, corpo e prazer não se desvinculam. Pele escura, cabelo crespo e/ou texturizado em tranças e *dreadlocks*, formato de rosto, lábios, nariz, cheiros e formas corporais fenotipicamente identificadoras do corpo negro serão percebidas como um todo, o corpo-como-ser, e positivadas na cena erótica como em *Seu corpo, preto*, de Nina Silva e Akins Kintê:

Cabelos crespos
Que envolvem no desenrolo de seus dedos
Pixaim presente em todo o seu ser
Em todos os buracos e planícies do seu terreno
Raiz, raça e protesto num lindo relevo [...]
Pau preto
Pau dentro
Espesso (SILVA; KINTÊ, 2011, p. 53)

O cabelo crespo, pixaim, é metáfora de toda a negritude ao estar presente em “todo o ser”. O ser preto, nesse caso, é apropriado positivamente como passível de beleza e desejo, o falo, também preto, é aquele que, na união com a amante, perpetuará a raça, garantindo ao

mesmo tempo a continuidade futura e o resgate da ancestralidade. Em *A pele preta pede*, dos mesmos autores, a pele é o órgão máximo do tato e do prazer:

A pele preta pede...
Língua
Sinto-a por todo o meu corpo,
Minha pele preta retinta
Vindo para dentro enchendo, escorrendo
entre meus membros
e as savanas suaves pubianas (SILVA; KINTÊ, 2011, p. 72)

A pele preta localiza o sujeito lírico em lugar identitário específico, indicando que o corpo envolto por essa pele deseja as minúcias dos sentidos e prazeres que poderiam apagar a memória de tantos prejuízos e preconceitos. A pele pede gozo e todo o corpo se abre nesse movimento de recepção e toque. A pele objeto de tortura e marcas de violência dá lugar à pele tocada pela língua, uma pele que, interpelada por essa língua também se expressa, fala, pede. O corpo que é tocado, apreciado, desejado, amado desloca-se do lugar originário de sofrimento colonizatório quando o sujeito mulher pode deixar-se percorrer, livre, em suas próprias savanas.

Em *Tesão*, de Regina Helena da Silva Amaral, publicado nos *Cadernos Negros* e citado por Cuti (2000, n.p), a textura do cabelo é metonimicamente tratada como o desejo que altera o estado do sujeito lírico: “Teu falo é um facho / Fascinante. / Eu me encrespo / Sempre... / Teu facho é um fato / Irreversível!”. Cabelo crespo, desejo crespo. Esse “encrespado” é apropriado de modo positivo, de modo que cabelo e desejo estão em similaridade. A positividade do cabelo associado ao ser desejado/desejante, é outra ruptura imagética se considerarmos que, no contexto colonizado “[...] o cabelo da negra antes de ganhar repertórios mais amplos de tratamento, é visto como um não-cabelo, algo a ser alisado ou escondido sob perucas, alongamentos ou tecidos [...]” (PAULA, 2020, n.p).

Os componentes físicos vão acrescentando camadas de negritude ao corpo, as cores desse corpo aparecem sem ser suavizadas ou embraquecidas, como em *Luxúria*, de Cristiane Sobral, publicada em *Pretumel*, em que “portas pretas” é metáfora da vulva: “As portas pretas / foram visitadas / agora grutas molhadas / escorrendo o mel da vida” (2015, p. 95). Em um contexto em que especialmente a pornografia idealiza a imagem da vagina cor-de-rosa como objeto de desejo, marcar e remarcar a cor da genitália é também um ato de afirmação e enfrentamento. Essas portas pretas, antes fechadas e solitárias como orquídeas mortas, vão reviver ao toque de línguas também negras e se ligar a uma imagem de prazer e vida. Enegrecer a vulva, encrespar o desejo, encrespar o corpo todo, dando à materialidade subjetiva a mesma

textura e cor tão recusada nos padrões euro-branco-centrados é performar a resistência política por meio do corpo e do afeto erótico.

HORIZONTALIDADE NA RELAÇÃO ERÓTICA

No contexto das hierarquias de gênero já mencionadas, a objetificação do corpo das mulheres e a erotização como estratégia de apropriação e subalternização são frequentes, de modo que, na lógica colonizatória que inferiorizou homens e mulheres negros, as mulheres permanecem em desvantagem histórica. Na contramão dessa estrutura, as vozes negras femininas vão alavancar um movimento de busca de horizontalidade nas relações eróticas, em dois movimentos: a) a busca de parceria com o homem também negro e não com homens brancos (este um sintoma do embranquecimento como estratégia do racismo estrutural brasileiro) e b) a equiparação das demandas do corpo e do desejo entre os homens e mulheres. Em *Concessão*, de Nina Silva e Akins Kintê, o que se celebra é essa possibilidade do “amor preto”, sistematicamente negado:

Eu gosto mesmo dread a dread
O laço da pele escura
Se vendo se sentindo se dando
O homem a menina que se sede
O preto a preta que se procura
E transa a transa se eternizando (SILVA; KINTÊ, 2011, p. 53).

A horizontalidade é marcada particularmente nesses livros em que a voz feminina se alterna com a masculina (*Incorporos* e *A calimba e a flauta*) e a enunciação do desejo se expressa de modo equivalente, de maneira a encenar a continuidade batailliana na recorrência do motivo da fusão dos amantes, ou da chamada dissolução do limite dos corpos característica do erotismo como experiência subjetiva mútua. O poema *Entre*, de Priscila Preta e Allan da Rosa é uma amostra desse encontro de corpos:

[...] Respiramos juntos
Não sei mais onde eu começo e você acaba
Um cheiro nosso que exala
O encontro de nossas pretas pelas pétalas
Estamos em posse um do outro
Como uma locomotiva chegamos a 200 por hora
Juntos apertamos o freio da satisfação
Me dissolvo em você
Você desmancha em mim
Somos o encontro do rio e do mar

A pororoca do Tesão (2012, n.p).

O mesmo ocorre em vários poemas de *Entre os quartos*, publicação do *Coletivo Louva Deusas*, como neste fragmento de Lúcia Udemezue, em que a expressão “prazer par” indica que o movimento de desejo e satisfação se aplica a ambos os amantes, não havendo primazia do masculino sobre o feminino: “Mãos e pernas / Corpos unidos / Sincrônicos e unidos / Corpos unidos por um único objetivo / O prazer / Prazer par (2015, p. 56). O estar em sintonia com o parceiro ou parceira nos reenvia para outro motivo recorrente na poesia, relacionado aos temas explorados anteriormente, uma vez que a posituação do corpo e a equivalência de posições favorece que a voz lírica possa expressar maior estima por si mesma, de modo que poemas em que a autonomia na parceria ou mesmo a autossatisfação serão frequentes.

AUTOAMOR OU AUTOEROTISMO

Decorrente de todo o contexto que vimos discutindo, a expressão da sexualidade feminina sempre encontrou diversificados entraves, de modo que manifestar-se eroticamente constitui-se um tabu e em alguns casos, uma ação interdita. As pressões estéticas do mercado e o racismo sobre os corpos femininos, os padrões eurocêntricos de beleza, a ditadura da beleza e do corpo branco, magro e sem curvas, ou tonificado por exercícios físicos e dietas, sempre afastaram as mulheres negras da autoexpressão de sua beleza. Nesse sentido, recuperando a proposição de Audre Lorde sobre o erótico como poder, como potência a ser recuperada pelas mulheres em seus próprios termos, na reconfiguração da ideia de belo em seus corpos, sempre vistos como corpos-outros, exóticos, hipersexualizados ou simplesmente desprezados como desprovidos de beleza, a poesia expressa fortemente esse poder que o gozo tem de reconfigurar o autoamor, o autocuidado e a consciência de si como uma mulher potente, ainda que os padrões vigentes sejam diversos. É assim em *Mulher grandiosa*, poema de Vivian Kosta, na *Coletânea Louva Deusas*: “No breve momento da completa entrega / não sou mais eu / Sou só sua / Só uma fêmea que goza / Uma mulher grandiosa” (2015, p. 92). A mulher que goza e não apenas goza como poetiza o seu gozo, não se dissolve na fusão com o outro masculino, pelo contrário, toma espaços antes não ocupados, faz seu corpo casa de sua completude.

Em outro poema da mesma coletânea, Priscila Romio revela o “estar-à-vontade” com o próprio corpo, a relação harmoniosa com o espelho na aprendizagem do ser mulher. Coxas, cabelos, seios, todo o corpo erotizado na composição leve como o vento a quem a voz lírica se

dirige. Esse corpo pode ter todas as idades no sexo que nunca envelhece, pois é nutrido por sensualidades e orgasmos:

Tenho todas as idades no alto das coxas
Por vezes saio de casa com os cabelos bem feitos
Saia longa e livres movimentos para os seios
Cabelo desapumado decifro mordidas no espelho
Derramo boca pintada de vermelho em mergulho intenso
Seu corpo tela que distribuo beijos
O voo de um pássaro asas que mudam com o vento
Corpo livre escrevo meu orgasmo cheio de sons embalados
Uma noite falei sobre você para o vento (2015, p. 44)

O orgasmo também é o mote da autodescoberta e da possibilidade de ter prazer com o próprio corpo, ainda que só, no fragmento do poema *Toque íntimo*, de Nina Silva. A ausência ou presença de um parceiro é secundária nesse caso, uma vez que nesse poema, por exemplo, a voz que se expressa enuncia ter um marido, mas esse não está participando desse ato em que ela explora as potencialidades do próprio corpo:

... Minha mão quando garimpa
Vasculhando meu ouro
Nessa aventura ímpar
Descubro meu tesouro
Minha alma forma par
Com meu corpo de menina
Pouso os olhos, orgasmo minha sina (SILVA; KINTÊ, 2011, p. 37).

Afirmar o orgasmo como destino configura-se algo bastante disruptivo, tendo em vista que a sexualidade feminina não costuma ser configurada em associação ao prazer, como acontece com a masculina. A estima-de-si elevada à máxima potência confere à mulher que fala em alguns poemas o controle do ato erótico, desde a chamada do parceiro, até a apresentação de solicitações ou mesmo condições, como nesse trecho de poema, inédito em livro, de Dandara Suburbana:

Pode entrar e se servir
Mas não vá pensando que sairá ileso
Eu sou um continente inteiro
Muito maior do que seus olhos podem ver...
Na ânsia por me preencher
São meus grandes lábios que devoram você!
E que vantagem a sua,
Minhas águas são profundas
Nutritiva seiva bruta
Puro amálgama,

De um orgasmo que cura! (2020)¹⁷

O orgasmo é apresentado em uma outra vertente do autocuidado, como estratégia curativa e redenção das perdas. A entrega desse corpo-potência será feita, mas não sem custos para o amante que se aventura em seus territórios, a inversão do par devorador/devorado demarca a posição da mulher que fala como alguém que toma o corpo do outro ao ser tomada.

RECUPERAÇÃO DA ANCESTRALIDADE AFROCENTRADA

O último motivo recorrente a ser elencado diz respeito ao entrecruzamento entre erotismo e afroancestralidade, de modo que a recuperação de elementos da cultura e religiosidade dos povos originários reconfigura a dimensão imagética em alguns poemas. Divindades, elementos étnicos, elementos paisagísticos e geográficos indicarão que a travessia do Atlântico é algo indelével na elaboração da subjetividade erótica e sua afirmação em certo distanciamento do ocidentalismo que já observamos na percepção conceitual do erotismo. Assim, em *Geometria Bidimensional*, poema de Miriam Alves publicado nos Cadernos Negros e citado por Cuti (2000, n.p):

Confluência das coxas
Encontro pleno da geometria
Há um triângulo isóscele
triângulo isóscele
Triângulo isóscele pede
isóscele padê
pode
pede posse
(padê).

Não se trata mais do triângulo de Vênus, este é reconfigurado por meio da evocação de um elemento místico de matriz africana, o padê. Cruzamento, encruzilhada, triângulo de Exu, conhecedor dos caminhos e mestre da vida. Para Cristian Sales (2017, p. 6) “[...] por meio da palavra-ritual, oferece um padê a Exu, reverenciando a energia vital, força cósmica e criadora do mensageiro dos orixás, pedindo licença e proteção para abrir os seus caminhos literários na reescrita do corpo feminino negro [...]”. A ancestralidade pode aparecer recuperada não apenas nas referências ao erótico sagrado dos orixás e divindades, mas na contraposição com elementos da ocidentalidade.

¹⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CDVcwFtJjHa/>. Acesso em: 24 ago. 2020.

O poema *Oxum*, de Zula Gibi, heterônima de Miriam Alves, citado em *Pretumel* (2015) retoma o *topos* do autoamor ao contrapor a divindade a Narciso:

No espelho d'água
contemplava-se
contornos arredondados
Amou-se
Água de cachoeira
 límpida e misteriosa
desaguando intensa
redemoinhos no leito do rio
Molhava-se
 na rubra gruta secreta
envolveu-se em profundidades
provou sabores
Entre ais e ais em si mesma
deleitou-se
Mandou Narciso às favas
Ninguém morre se amando (2015, p. 68).

Mandar Narciso às favas, nesse caso, significa abraçar o prazer dado a si mesma, provar sabores na gruta secreta e experimentar os redemoinhos sem correr risco de aniquilação por amar seu próprio corpo mais que a outrem. O espelho de Oxum não é o espelho de Narciso, que escraviza e esteriliza o ser, que traz a morte: ele reflete a possibilidade de identificação dessa mulher a um espectro cultural que, ao contrário de aniquilar sua beleza irá potencializar suas chances de gozo, fazendo jorrar água límpida da vida. O mesmo acontece quando Eros é substituído por Exu em vários poemas, como em *O falo dita as falas*, de Cristiane Sobral, também em *Pretumel* (2015, p. 55), sendo inclusive a divindade responsável não apenas pela vida, uma espécie de falo do mundo, mas também o responsável por garantir a fala: “Eu falo / Exu colore as alas / O falo sentinela / Inspira as falas”. Exu coloca o gozo no redemoinho, desestabiliza, mas também assegura, tanto o caminho da palavra quanto o prazer do corpo e do poema verbalizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS [OU] A COR DO CORPO NO LEITO DA PALAVRA

“Gosto do falo intumescido / de um corpo negro com conteúdo / que sussurra ao invés de gritar/ da fala certa do falo em chamas”: se iniciamos com uma citação de poema, com outra podemos finalizar. O trecho do poema *Eu falo*, de Cristiane Sobral, publicado em *Pretumel* (2015, p. 110) joga com os sentidos de falo (verbo) e falo (*membro virilis*) executando o entrelaçamento entre falar no poema e apropriar-se do falo como potência e lugar de fala

poética e erótica. Ao reivindicar que esse falo esteja em um “corpo negro com conteúdo”, o poema executa outro cruzamento, dessa vez entre erotismo e conhecimento. Como cabelos crespos entrançados, o poema executa uma cartografia de sentidos nos quais o corpo negro não se desvincula das possibilidades de saber, e ao saber com vigor e intensidade, “em chamas”, usa essa potência para falar, já que esse “falo fica bem na boca” (2015, p. 110). O jogo lúdico de palavras nos remete à afirmação de Audre Lorde, para quem “[...] o erótico é a nutriz ou a babá de todo nosso conhecimento mais profundo [...]” ([1984] 2013, n.p).

Ao resignificar o corpo negro, transformando negatividades históricas em positivities na cena erótica, a poesia lida nesse artigo formula novas modalidades de conhecimento para esse corpo, fora das depreciações da colonialidade herdada. Ao assumir o corpo como um corpo preto, a adjetivação enunciada pelo próprio sujeito reformula sua dimensão derogatória pois, “[...] quando o termo é assumido e resignificado por aqueles que denunciarão estas mesmas estruturas aprisionantes de desigualdades [...]” (PAULA, 2020, n.p) e a autodeclaração cria possibilidades de novas formas de expressão e afirmação identitária. A forma do corpo é, portanto, uma forma de discurso, na qual a linguagem se instaura como delimitadora e constituinte das compreensões corporais, de modo que o erotismo e sua escrita ou a escrita do erotismo é uma elaboração de si, e é uma escuta de si e do outro: nesse caso, se não há escrita, não há voz.

Ouvir a voz que emana do corpo das escritoras negras inclui perceber a subjetividade corporificada da qual falamos, sem reduzir os traços da escrita a fatores biológicos ou raciais. Inclui considerar o que Conceição Evaristo (2017) denominou *escrevivência*, a vivência da escrita ou a *escrevivência* da vida são inseparáveis desse ponto de vista, assim como a escrita do ponto de vista individual é inseparável do ponto de vista coletivo, da memória coletiva desse corpo que se materializa nos poemas. Longe do desejo de perseguir uma homogeneidade na expressão poética das autoras, até mesmo porque a quantidade de poemas lidos apresenta-se limitada pela modalidade do trabalho, o que buscamos ao elaborar possíveis categorias retóricas recorrentes, quais sejam, *a positivação do corpo negro*, *a horizontalidade na relação erótica*, *o autoamor ou autoerotismo* e *a ancestralidade afrocentrada* nas antologias poéticas foi elencar os modos pelos quais pode se constituir um corpo-discurso, tendo em vista a complexidade do contexto que constitui o corpo negro (feminino/masculino) como imagem, como elaboração simbólica e cultural na sociedade brasileira.

Entendendo que as coletâneas e os livros em coautoria reúnem um número expressivo

de autoras que atualmente se dedicam a escrever sobre temas sexuais na poesia, ao lado também de outros temas, obviamente, o *corpus* selecionado expressa um corpo significativo de modos de elaboração temática e estética, indicam tendências de abordagem e demandas de uma possível comunidade de mulheres, sobre as quais já se apontou a recorrência da solidão e do abandono afetivo, causado pela colonização do desejo e pela rejeição social do corpo. O estabelecimento de uma política de afetos que seja afrocentrada perpassa justamente a alteração, já em curso, da percepção da imagética dos corpos. Se concordamos com Angela Davis (2017), para quem “[...] quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela [...]”, acreditamos também que quando uma escritora negra se movimenta, a partir da sua escrita, todo um campo literário pode se movimentar com ela. Reconfigurar o discurso sobre o corpo racializado, e sobre os modos de erotização desse corpo, é necessário e fundamental se consideramos que as personalidades carregam potencialidades políticas. Que essas potencialidades possam vir representadas com os prazeres do corpo e com os prazeres do verbo que se corporifica, fios da palavra trançando plenas existências/resistências.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BALBINO, Jessica. Literatura: libido em foco. 17 jan. 2012. Disponível em: <http://incorporos.blogspot.com/>. Acesso em: 14 ago. 2019.
- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. São Paulo: Arx, 2004.
- BORGES, Caroline Amanda. A distopia do cuidado no Brasil opera no corpo das mulheres negras. **Le Monde Diplomatique, Feminismos Transnacionais**. 14 ago. 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-distopia-do-cuidado-no-brasil-opera-no-corpo-das-mulheres-negras/>. Acesso em: 14 ago. 2020.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2003.
- BUTLER, Judith. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa B. de (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 213-230.
- CORRÊA, Mariza. Sobre a invenção da mulata. In: RODRIGUES, Carla; BORGES, Luciana; RAMOS, Tânia R. O. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Funarte, 2016. p. 169-180.
- CRENSHAW, Kimberlé. Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas identitárias e

violência contra mulheres de cor. *In*: MARTINS, Ana Claudia Aymoré; VERAS, Elias F. (Org.). **Corpos em aliança**: diálogos interdisciplinares sobre gênero, raça e sexualidade. Curitiba: Appris, 2020. p. 23-98.

CUTI (Luiz Silva). Poesia erótica nos Cadernos Negros. 2000. Disponível em: <https://www.quilombhoje.com.br/ensaio/cuti/TextocriticoErotismoCuti.htm>. Acesso em: 10 mar. 2020.

CUTI (Luiz Silva). **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. Um mapa de ausências. *In*: DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Rio de Janeiro: UERJ, 2012. p. 147-196.

DAVIS, Angela. **Atravessando o tempo e construindo o futuro da luta contra o racismo**. Conferência proferida na UFBA, 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=1370&v=2vYZ4IJtgD0&feature=emb_logo. Acesso em: 23 set. 2019.

EVARISTO, Conceição. **Escritora Conceição Evaristo é convidada do Estação Plural**: depoimento. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xn2gj1hGsoo>. Acesso em: 15 jan. 2020.

FAUSTINO, Carmem. **Estado de libido ou poesias de prazer e cura**. São Paulo: Editora Oralituras, 2020.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, p. 223-244, 1984.

GROSZ, Elisabeth. Corpos reconfigurados. **Cadernos Pagu**. v. 14, p. 45-86, 2000.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KINTÊ, Akins; CUTI (Luiz Silva). **Pretumel de chama e gozo**: antologia da poesia negro-brasileira erótica. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2015.

LOUVA DEUSAS (Org.) **Além dos quartos**: coletânea erótica feminista negra. São Paulo, 2015. Editora Priscila Romio; Projeto Gráfico Jackeline Romio. Disponível em: https://louvadeusas.files.wordpress.com/2019/08/louva_deusas_erotica_2015.pdf. Acesso em: 10 mai. 2020.

LORDE, Audre. Usos do erótico: o erótico como poder. Trad. de Tatiana Nascimento. **Blog Diáspora y dissidência sexual em trânsito**. 2013. Disponível em: <https://traduzidas.wordpress.com/2013/07/11/usos-do-erotico-o-erotico-como-poder-audre-lorde/>. Acesso em: 20 fev. 2019.

MENEGATTI, Carolina (et al.). Um poema com muita pele: Entrevista com Miriam Alves. **Revista Geni**, 2015. Disponível em: <https://revistageni.org/11/um-poema-com-muita-pele/>. Acesso em: 19 jun. 2020.

PAULA, Bianca Assis Oliveira de. A beleza negra como instrumento político de transformação social. **Le Monde Diplomatique, Feminismos Transnacionais**. 07 ago. 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-beleza-negra-como-instrumento-politico-de-transformacao-social/>. Acesso em: 09 ago. 2020.

PRATES, Lubi. **Um corpo negro**. São Paulo: Nosotros Editorial, 2018.

PRETA, Priscila; ROSA, Allan da. **A calimba e a flauta**: versos úmidos e tesos. Capulanas: Coletivo de Arte negra, 2012.

PRETAS CANDANGAS. O prazer é ato corajoso e libertário em Incorporos: nuances de libido. 24 jun. 2014. Disponível em: <https://ceert.org.br/noticias/historia-cultura-arte/4776/o-prazer-e-ato-corajoso-e-libertario-em-incorporos-nuances-de-libido>. Acesso em 14 ago. 2019.

PORTO, Laís. Literatura negra erótica. **Blog Uma leitora negra**, 08 jan. 2019. Disponível em: <http://leitoranegra.blogspot.com/2019/01/literatura-negra-erotica.html>. Acesso em: 10 mai. 2020.

RIBEIRO, Djamila. A mulata Globeleza: um manifesto. *In*: RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Cia das Letras, 2018. p. 140-145.

SALES, Cristian Souza. Expressões do erotismo e sexualidade na poesia feminina afro-brasileira contemporânea. **Portal Literafro**. 27 out. 2017. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/346-expressoes-do-erotismo-e-sexualidade-na-poesia-feminina-afro-brasileira-contemporanea-critica>. Acesso em: 15 abr. 2020.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. A mulher de cor e o canibalismo erótico na sociedade escravocrata. *In*: SANT'ANNA, Affonso Romano de. **O canibalismo amoroso**. São Paulo: Círculo do Livro, 1987. p. 19-61.

SANTOS, Mirian Cristina. **Intelectuais negras**: prosa negro-brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

SILVA, Nina; KINTÊ, Akins. **Incorporos**: nuances de libido (Coletânea de Poemas eróticos). São Paulo; Rio de Janeiro: Círculo Contínuo, 2011. Disponível em: https://issuu.com/negrarina/docs/04475_-_miolo. Acesso em: 15 abr. 2020.